



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

A DUBLAGEM COMO ESPELHO DO CONTROLE E SEGREGAÇÃO CULTURAL

Érika Saldumbides

Rio de Janeiro

2017

ÉRIKA DA MOTTA SALDUMBIDES

A DUBLAGEM COMO ESPELHO DO CONTROLE E SEGREGAÇÃO CULTURAL

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras na habilitação Português/Inglês.

Orientador: Profa. Dra. Janine Pimentel

Rio de Janeiro

2017

FOLHA DE AVALIAÇÃO

ERIKA DA MOTTA SALDUMBIDES

110038438

A DUBLAGEM COMO ESPELHO DO CONTROLE E SEGREGAÇÃO CULTURAL

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras na habilitação Português/Inglês.

Data de avaliação: ____/ ____/ ____

Banca Examinadora:

Janine Pimentel – Presidente da Banca Examinadora
Profa. Dra. da UFRJ

NOTA: _____

Michela Rosa Di Candia
Profa Dra. Da UFRJ

NOTA: _____

MÉDIA: _____

Assinaturas dos avaliadores: _____

da Motta Saldumbides, Érika
A DUBLAGEM COMO MECANISMO DE CONTROLE E
SEGREGAÇÃO CULTURAL / Érika da Motta Saldumbides. –
2017. 30 f.

Orientadora: Janine Pimentel.
Monografia (Letras Português/Inglês) -- Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras.
Bibliografia: f.32.

1. Dublagem e Tradução. 2. Língua como ferramenta de
Segregação Cultural . I Saldumbides/Érika II - Universidade
Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, (2017) III . A
Dublagem como mecanismo de controle e segregação cultural.

AGRADECIMENTO

Agradeço a meus pais e irmão pelo suporte não só durante este período de trabalho, mas por toda minha jornada escolar e acadêmica.

Agradeço a meus familiares pelo apoio e incentivo.

Agradeço a Jorge Schueler pelo incentivo e paciência de ouvir as intermináveis considerações do trabalho.

Agradeço a minha orientadora Janine, pelo suporte, apoio, incentivo e conhecimento compartilhado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. A ORIGEM DA DUBLAGEM	9
2. A DUBLAGEM NO BRASIL	10
3. A DUBLAGEM COMO FILTRO CULTURAL – A DUBLAGEM NA ESPANHA, ALEMANHA E ITÁLIA	12
4. A INDÚSTRIA CINEMATOGRAFICA, CULTURA E GLOBALIZAÇÃO	14
5. LÍNGUA E PODER	21
6. A DUBLAGEM COMO ESPELHO DE UM SISTEMA DE SEGREGAÇÃO	26
CONCLUSÃO	31
BIBLIOGRAFIA	33
ANEXO - TABELAS DE DADOS – PESQUISA DOS FILMES EM CARTAZ POR LOCALIDADE E MODALIDADE OFERTADA	34
I. TABELA GERAL DE FILMES E VERSÕES	35
II. DADOS NITERÓI	36
III. DADOS SÃO GONÇALO	32
IV. DADOS BOTAFOGO	37
V. DADOS DUQUE DE CAXIAS	38

INTRODUÇÃO

A indústria cinematográfica, desde sua criação, exerce um papel de extrema relevância no processo de globalização possibilitando o acesso a diferentes culturas por meio de seus filmes e séries. Mas obviamente o livre acesso é discutível e a diversidade cultural pregada é questionável uma vez que os produtos da indústria cinematográfica de maior peso, a norte-americana, são confeccionados para disseminar a sua própria cultura e modo de vida em detrimento das outras, gerando mercado para seus produtos. Ou seja, a interculturalidade é colocada de lado e o livre acesso é usado como ferramenta para a tentativa de implantação de uma cultura hegemônica.

Sendo o inglês uma língua franca, ou seja, a língua usada como forma de comunicação ente duas pessoas que não falam o mesmo idioma, é geralmente o idioma usado por produções estrangeiras. Há também a predominância de produtos da indústria cinematográfica norte-americana, o que colabora para o grande número de filmes produzidos em inglês.

Há duas soluções viáveis neste caso: a legendagem e a dublagem. Na legendagem, enquanto os diálogos do áudio original são ouvidos, a tradução é apresentada de forma escrita na parte inferior do vídeo. Não se trata apenas da tradução do script do filme, há uma quantidade de requisitos que o tradutor tem que satisfazer para a legenda ser efetiva, requisitos esses que garantem não só a clareza das intenções quando traduzidos os diálogos da língua de origem para a língua alvo, mas igualmente a característica sintética necessária nas legendas, como um número limitado de caracteres por frase, a duração da legenda na cena de forma que o telespectador consiga ler, sincronização com a cena, entre outros. Na dublagem é feita uma tradução do roteiro do filme, e atores (geralmente do país em questão) são escolhidos para dar voz aos personagens. Mas como todo trabalho que envolve a tradução, a questão não é tão simples assim.

Este trabalho aborda como a dublagem no Brasil atualmente está relacionada com a segregação cultural, característica associada à mesma desde sua origem e ao longo de sua história e chegada em diversos países. Será possível ver ao longo do trabalho como a dublagem surgiu no cinema, como ela foi usada durante o período de regimes totalitários como forma de censura e filtro cultural em alguns países da Europa, e como a dublagem chegou ao Brasil. Será abordado também de que modo a globalização influencia na visão de cultura no mundo de hoje, as possíveis definições de globalização e cultura, e como essas definições e abordagens podem ajudar no comportamento reflexivo da dublagem como espelho de um sistema social segregativo. Também abordaremos a forma como o

conhecimento de uma língua, no caso deste trabalho a língua inglesa, pode ser usada como forma de exercer poder sobre o outro, subjugando quem não a domina a um lugar de menor prestígio. Por fim, será exposto como a dublagem é espelho de um sistema social que provoca exclusão daquele que prefere ser espectador desta forma de exibição de filmes estrangeiros, a partir de uma pesquisa feita em cinemas de diferentes regiões da região metropolitana do Rio de Janeiro.

1. A origem da dublagem

A dublagem surgiu da necessidade de veicular os filmes gravados em vários idiomas, e veio em contrapartida à “solução de refilmar tudo em outros idiomas com os mesmos atores, equipes, etc.” (KONEWICZ, 2013).

Na década de 30, foi inventado um sistema de gravação que tornava possível a sincronização de áudio e imagem, e este sistema também serviu como um sistema auxiliar para aprimorar os sons dos filmes. De acordo com Canu, “este sistema foi inventado como forma de superar a crise que muitos europeus estavam tendo que lidar como consequência da “*Talkie Revolution*”(CANU, 2012:2). Como é sabido, o início da indústria cinematográfica se deu com filmes mudos. *Talkie Revolution* corresponde ao aparecimento dos filmes sonoros:

A dublagem nasceu no rastro do cinema sonoro. Os filmes eram mudos até 1927, quando chegou às telas “O cantor de Jazz”. A começar nessa produção, o público pode finalmente ouvir os atores. Com a euforia produzida pelo cinema sonoro, surgiu um problema: como as plateias que não falavam inglês iam assistir aos lançamentos de Hollywood? Para contornar essa situação, grandes estúdios como MGM e Paramount chegaram a filmar em Paris versões francesas de longas-metragens americanos. Claro que esses filmes em duas versões eram muito caros – e ainda assim não atingiam o público dos tempos de cinema mudo. A solução apareceu em 1930, quando os diretores Edwin Hopkins e Jacob Karol lançaram *The Flyer*, o primeiro filme a utilizar um sistema de sonorização que permitia substituir as vozes originais por outras gravadas em estúdio.

(Mundo Estranho, Rio de Janeiro: Editora Abril, 2011.)

No dicionário *Merriam-Webster*, *Talkie* é “a motion picture with a synchronized soundtrack”. Ou seja, em oposição ao cinema conhecido da época, o mudo, surgiram os filmes com diálogos, então denominados *talkies* por justamente terem falas. *Talkie Revolution* foi o aparecimento dessa inovação na indústria cinematográfica americana, que reverberou em todo mundo.

2. A dublagem no Brasil

O processo de chegada dos filmes sonoros do Brasil foi um pouco demorado e problemático, devido a diversos fatores estruturais e culturais. Como afirma Nascimento (2014), havia um questionamento quanto à capacidade do público brasileiro, que possuía um grande número de analfabetos, em entender os diálogos proferidos em língua inglesa nos filmes, mesmo que já tivessem contato com os intertítulos em inglês que existiam nos filmes mudos. Mas para a surpresa dos críticos do período, as primeiras exibições de filmes sonoros norte-americanos aqui no Brasil obtiveram sucesso de público sem nenhuma adaptação para o português (COSTA 2008:91 in NASCIMENTO 2014:93).

Houve também a tentativa de implantação de legendas, porém isso afetava a compreensão do filme pela necessidade de acompanhar o filme e ler, fato que interfere até hoje na escolha dos telespectadores quanto ao filme que será assistido, mesmo com a modernização e sofisticação da técnica que temos acesso hoje em dia.

Como é explicado no trabalho de Nascimento (2014:93), houve uma tentativa de dublagem de filmes brasileiros no exterior, mais precisamente nos Estados Unidos. A tentativa foi um fracasso, pois os atores que dublavam o filme não eram os originais, ou seja, os atores norte-americanos que tinham atuado no filme e o grupo de dubladores era pequeno, sendo necessário assim que um dublador desse sua voz a vários papéis diferentes no mesmo filme. Como é possível ver na crítica feita em 30 de dezembro de 1931 na Revista Cinearte, “o processo de *dubbing*, mais uma vez prova ser fracasso. Deteriora as devidas expressões dos artistas. Está ininteligível quase todo e a voz de H. de Almeida Filho ouve-se falando por vários artistas, o que tira todo cunho de sinceridade que o filme possa ter”. A dublagem só começou a ter mais sucesso no Brasil após a chegada de Branca de Neve, animação da Disney.

No Brasil os longas estrangeiros passavam com legendas, a novidade da dublagem chegou no fim da década – o grande marco foi a estreia do desenho animado Branca de Neve e os Sete Anões, de Walt Disney, lançado em 1937 e dublado no ano seguinte. Naqueles primórdios, os atores tinham de gravar todos juntos no estúdio, olhando para a tela sem a ajuda do som. “Os filmes levavam de três a quatro vezes mais tempo para serem dublados do que atualmente”, afirma o produtor e diretor Herbert Richers, fundador de um dos estúdios pioneiros do país.

(REVISTA MUNDO ESTRANHO, 19 de Agosto de 2016)

Como é possível ver com a fala de Herbet Richards, o processo de dublagem de um filme no fim da década de 30 era muito mais trabalhoso do que na atualidade, obviamente

porque faltavam os recursos que hoje a indústria possui. Porém com a chegada dos filmes Disney vieram também alguns recursos que faltavam a dublagem brasileira para ser efetuada com melhor qualidade e também ser mais difundida.

3. A dublagem como filtro cultural – A dublagem na Espanha, Alemanha e Itália

Na década de 30 a Europa estava no começo da expansão de regimes totalitaristas, e no mesmo período o mundo se deparava com o crash da Bolsa de Nova Iorque, e conseqüentemente, uma crise. Os governos totalitaristas ficaram apreensivos com a presença de falas nos filmes, uma vez que elas poderiam introduzir ideologias opostas àquelas difundidas por seus governos, e o perigo maior residia no fato que os filmes possuíam largo alcance, sendo assistidos por todas as camadas da sociedade, inclusive as mais populares e com menos acesso a informações de fora da Europa. Obviamente leis restritivas foram criadas no período contra qualquer coisa que fosse estrangeira, e os filmes não escaparam delas, o que foi um problema para indústria cinematográfica americana (CANU, 2012).

De modo a não perder público, o modo possível de vender seus filmes aos países de regimes totalitários, os norte-americanos viram a dublagem como a saída necessária para seus filmes não serem proibidos de vez. E os governos por sua vez aproveitaram a dublagem como forma de filtrar o que seria ouvido pelos telespectadores e também como forma de manipular culturalmente a população de acordo com seus interesses.

Under the Vichy regime, Francoist Spain, Hitler's Germany, and Fascism, dubbing was the only possible way of bypassing these laws. And while it is a well-known fact that dubbing was a censorious filter in those years, it is also true that it started having an impact on both audience and the general public, and it has rapidly become a useful tool for spread of culture.
(CANU, 2012:3)

Então a dublagem se tornou um meio de prevenir o acesso a informações e modos de pensar advindos de fora do regime (aqui neste caso mais predominantemente o estilo de vida americano, que era e segue sendo um dos maiores exportadores de filmes e, conseqüentemente, do seu modo de viver), como forma de controle não só do que seria visto com cortes e exclusão de cenas, bem como com a substituição de diálogos no ato da dublagem.

A dublagem acabou se tornando uma ferramenta de manipulação cultural obviamente em benefício do regime vigente e também uma forma de manutenção de uma unidade nacional. Há como exemplo tanto citado por Lidia Canu em seu “Dubbing: adapting cultures in the global communication era” quanto por Anna Konecsni em “*Tradução para Dublagem*”, o uso da dublagem na Itália, que estava sob o governo Fascista de Benito Mussolini, não só como um modo de prevenir o contato dos italianos com idiomas estrangeiros, o que de acordo com o pensamento do governo italiano poderia estimular ou provocar nos italianos a vontade

de aprender idiomas estrangeiros, e isso ia de encontro totalmente com os ideais nacionalistas do regime, mas também para a disseminação de um “Italiano Padrão”. Algumas regiões da Itália na época ainda falavam dialetos característicos daquela área e com o acesso a filmes dublados foram expostos ao “Italiano Padrão” propositalmente para haver uma homogeneização da variação padrão e a mesma variação passou a ser mais usada em diferentes contextos (CANU, 2012:3).

Após 1929, com medo dos italianos quererem aprender outras línguas, os diálogos em qualquer outra língua que não fosse o italiano foram proibidos. Já em 1931, por decreto, só poderia haver filmes dublados nos cinemas italianos (DEUTSCHE WELLE, 2007)

Na Espanha ocorria o mesmo controle devido ao regime ditatorial de Francisco Franco. A dificuldade de tradução neste contexto totalitarista tinha dois tipos de filtro: o cultural, porque teriam que ser transferidos aspectos específicos da cultura norte-americana para um país com um contexto cultural e políticos diferente; e o filtro da censura e controle do governo Espanhol. E nenhum filme escapava do filtro da censura (CAMUS, 2015:9). O controle do governo espanhol visava não permitir passar qualquer aspecto que pudesse ferir ou demonstrar ideias que fossem contrárias àquelas difundidas e implantadas por ele.

E o mesmo também se passava na Alemanha do Regime Nacional Socialista: “[n]a Alemanha, as restrições nacional-socialistas a línguas estrangeiras fizeram com que os filmes norte-americanos fossem em sua maioria dublados, até sua proibição definitiva a partir de 1940.” (Deutsche Welle, Agosto de 2017)

Dubbing can definitely be considered as an effective tool for linguistic transmission. And as language is, in Sapirian terms, “a social guide to reality”, language transmission is undoubtedly cultural transmission and this alone can enable the socio-anthropological function of dubbing.
(CANU, 2012:4)

Assim sendo, como visto na citação acima, a dublagem pode ser considerada como uma ferramenta efetiva para transmissão linguística e cultural, tanto para fins nacionalistas, como foi utilizada nos países referidos, para filtrar e bloquear o diferente e sedimentar o padrão nacional interessante ao governo, como forma de difusão e divulgação de um modo de vida que algumas vezes difere dos países que recebem os filmes, e que é interessante para os países fornecedores/produtores destes filmes.

4. A indústria cinematográfica, cultura e globalização

Se tratando de um trabalho sobre transmissão cultural através de um modo de tradução de filmes, é inevitável tratar da dublagem como mecanismo que possibilita o acesso de diferentes países ao estilo de vida americano e do mundo ocidental. Ao mercado americano interessa a difusão em escala mundial de filmes que evocam e reverenciam seu estilo de vida, então o investimento das empresas no que diz respeito à tradução e dublagem de seus filmes é maciço. Empresas produtoras de filmes em países menores e com menos incentivo não têm orçamento para investir no processo de difusão de seus filmes como as empresas americanas possuem, e isso acaba se tornando uma bola de neve. Ela é a que mais lucra, e com isso consegue maior alcance, o que a faz lucrar mais ainda.

A associação com a globalização é inevitável. O acesso a filmes e séries internacionais hoje só é possível em razão da mesma. Obter informações e conhecer culturas diferentes bem como ter acesso a lançamento de obras literárias ou cinematográficas de diferentes partes do mundo é possível por dispormos de ferramentas facilitadoras deste processo, como o acesso à internet. Uma vez em contato com diferentes produtos de diferentes lugares do mundo, cada produtor está emitindo uma mensagem de acordo com seus interesses e enviando para todo mundo. Portanto, um filme, uma série ou até um curto vídeo de youtube podem difundir vários aspectos de uma determinada cultura, sendo então ferramenta de difusão de uma cultura e estilo de vida, transportando informações que aquela pessoa produtora acha relevante divulgar de seu modo de vida ou cultura. Como em Canu (2012), uma investigação mais cautelosa sugere que as indústrias modernas nos campos culturais tendem a refletir as esferas do processo de globalização, das quais as indústrias cinematográficas e de TV são transportadoras relevantes.

A globalização é política, cultural e tecnológica, bem como econômica e é difundida especialmente pela mídia de massa (GIDDENS, 2000:23). Porém, a questão não é tão simples quanto aparenta ser. O acesso a informação que parece ser democrático, não é tão igualitário assim. Assumir que, só porque uma informação está exposta, todos terão acesso é no mínimo injusto. Também é questionável quem fornece a informação, o que deseja expor, e como expõe. É fato que o modo de vida ocidental possui muito mais meios e modos para difundir seu modo de pensar, de viver, e outras culturas acabam prejudicadas. É o mesmo paralelo da indústria cinematográfica: quem tem mais dinheiro e poderio para difundir seus produtos, acaba prevalecendo.

Há também a questão da desterritorialização, que pode soar positivamente se for pensada como a quebra das barreiras das fronteiras do tempo e do espaço, a diminuição das distâncias, uma humanidade “unificada” pelo acesso a tudo e a todos, um relacionamento de todos os cidadãos do mundo trocando informações e dividindo experiências sobre suas culturas, individualidades e modo de viver. Mas, de novo, não é necessariamente assim. Como sempre há uma relação de poder no que diz respeito as relações interpessoais, o modo cultural com maior poder de difusão e divulgação de seu estilo de vida acabará impactando na vida dos outros do que o contrário, e a dita unificação da humanidade pode ser vista como uma perda ou mudança de identidade no que diz respeito aos impactados.

Segundo Tomlinson (1999), a desterritorialização é o enfraquecimento entre tempo e espaço, e um processo de globalização da cultura. Para Bauman (1998:18 in Canu, 2012:7), esse mesmo enfraquecimento não é tão positivo porque mesmo com a distância não significando mais nada, as localidades, que são separadas por essas distâncias acabam também sofrendo um esvaziamento.

O que pode ser apreendido então através da desterritorialização é que as mídias audiovisuais acabam provocando uma mudança de identidade por alterarem algumas práticas, como a linguística e cultural, e também o repertório de recursos discursivos (CANU 2012:7).

De acordo com Jacquemet (2005), há duas maneiras de ver a globalização, as quais são explicadas por ele através de duas metáforas: uma associada ao fluxo, à circulação de informação, e desta maneira evoca uma imagem com inclinação mais positiva de fluxo natural, algo mais orgânico; e outra associada à propagação, disseminação, penetração também de informações, que em contrapartida evoca uma imagem mais negativa, disseminação com uma associação a epidemias e doenças, e penetração tem uma abordagem de algo forçado, não natural, imposto:

On one hand we have the discourse on forced linguistic assimilation into global markets, increasing disappearance of local vernaculars, language standardization; and on the other, that of cultural pluralism, hybridity, popular democratization. ‘Circulation’ is in a global rhetoric what the ‘penetration’ of capitalism was in certain kinds of Marxist world-system theory: the way powerful institutions and ideas spread geographically and come to have an influence in distant places. (2000, p.336)”
(JACQUEMET, 2005; 258-259)

A disparidade provocada pela diferença de poder político e econômico entre algumas culturas acaba provocando uma deficiência na reciprocidade de fornecimento e consumo da produção cultural de cada um desses lugares. Isto acaba gerando uma hegemonia cultural de

uma certa cultura sobre outra, o que inevitavelmente provoca um processo de aculturação (CANU 2012:6), dando um viés negativo ao processo de globalização.

Essa visão “neocolonialista” da globalização, abordando o grande fluxo e acesso a informação como uma tentativa de imposição do estilo de vida americano como modelo ocidental é corroborada quando olhamos a enxurrada de filmes americanos nos cinemas brasileiros em comparação com produções nacionais e com as produções de outros países (estes inclusive quando chegam aos cinemas brasileiros, raramente são dublados; no geral a versão ofertada nos cinemas é legendada e em horários menos flexíveis), bem como a peculiar seleção de filmes estrangeiros que uma parte da população tem acesso via dublagem.

Segundo Paulo Emílio Sales Gomes, essa disparidade na oferta de filmes é proveniente do status de desenvolvimento que algumas regiões produtoras de filmes sempre tiveram, ao passo que outras sempre foram subdesenvolvidas no que diz respeito ao cinema, e nunca deixaram de ser, e o Brasil se encaixa nessa condição. Não é uma etapa, e sim um estado do cinema brasileiro, etapa esta que nenhum país de cinema desenvolvido passou. “O cinema é incapaz de encontrar dentro de si próprio energias que lhe permitam escapar à condenação do subdesenvolvimento, mesmo quando uma conjuntura particularmente favorável suscita uma expansão na fabricação de filmes” (GOMES, 1996:85).

O subdesenvolvimento cinematográfico aqui pode ser associado à falta de incentivo ou atenção tardia, que pode ocorrer por não valorização do cinema como manifestação artística e/ou questões de cunho econômico, como a priorização de áreas outras em detrimento ao cinema, não por subjugar-lo, mas por elas serem de outra forma essenciais ao desenvolvimento humano (áreas como saúde e educação, por exemplo). Em oposição à ideia do subdesenvolvimento, há a ideia de desenvolvimento cinematográfico, que está automaticamente ligado aos países com maior poderio econômico, e, portanto, com maior facilidade tanto para a produção quanto a distribuição de produtos cinematográficos.

Em suma, a questão econômica é um fator que influencia também na categorização de subdesenvolvimento ou desenvolvimento cinematográfico de um país. A tendência é que se um país é desenvolvido economicamente, ele terá também uma indústria de cinema desenvolvida, o que o ajudará a se manter na posição de desenvolvimento econômico uma vez que produzirá mais produtos e que serão consumidos por um público que o manterá naquela posição privilegiada.

Gregory Snegoff, an American voice actor, says in his *Doppiare negli Stati Uniti* (1996:78) that the only reason why dubbed movies do not have great diffusion in the United States is because there are not enough distributors and producers willing to invest in dubbings (...) The question is not only

economic or artistic, but it takes on the ideological discussion about globalization in its much debated terms: the hope for reciprocity vs. the consequences of its real inequity.” (CANU, 2012:5)

A estratégia de marketing da indústria cinematográfica hollywoodiana propicia o sucesso de suas produções, não só seus investimentos em diversas áreas de suas produções para aprimorar esteticamente e qualitativamente seus filmes ao longo da história. A indústria dubla todos os seus filmes para espalhar pelo mercado mundial, mas impede ou dificulta a circulação de filmes estrangeiros no mercado americano. Como explica Canu:

“The uniformity of political ideas and practices; the geographical extent of social interaction and reflexivity; the degree of integration of economic activities; the diffusion of technology (information, communication, transport) which overcome the significance of time and space; and the extent of the dissemination of cultural symbols and signification”. (CLARK, Ian. 1997:1) All of these factors are clearly embedded in audiovisual works, and are used by modern cultural and communications industries – especially in the United States- that tend to create homologation of lifestyles and cultures, with the aim of expanding the market for more profit. (CANU, 2012:6)

É importante frisar que o investimento em cinema não só diz respeito à produção de filmes. O cinema é uma manifestação artística, e como tal a valorização da indústria do cinema não só diz respeito a fornecimento de dinheiro para a produção de filmes, mas também ao fomento e incentivo a apreciação a diferentes formas de manifestação cultural e artística, formando assim espectadores e produtores em potencial, que verão o cinema não só como um modo de entretenimento como também um meio de acessar diferentes culturas, modos de vida, pensamentos, perspectivas e realidades. E assim o cinema pode concretamente ser não só um produto, mas uma ferramenta positiva que possibilita a circulação de diferentes tipos de informação sobre diferentes assuntos, cabendo ao espectador pensar aquilo a que foi exposto criticamente.

Também é importante dizer que o cinema norte-americano não é só feito de *blockbusters* ou filmes feitos para a massificação e venda dos valores americanos, que acabam sendo tratados como produtos para um mercado, com menos interesse artístico e mais interesse nas bilheterias. Neste trabalho, as produções americanas de massa são usadas como forma de mostrar e exemplificar um fenômeno que é o objeto de observação desta monografia, que é o modo como a dublagem é espelho de um sistema de segregação social. Da mesma forma, a tratar filmes de cultura de massa de acordo com a acepção que os enxerga como produtos de menor qualidade artística ou de conteúdos e reflexões de menor profundidade seria corroborar com esse tipo de pensamento discriminatório, o que não é a intenção deste trabalho. Pelo contrário, é elucidar e demonstrar como o comportamento

discriminatório e excludente de qualquer natureza, no caso deste da dublagem como modo de manutenção de comportamentos sociais de exclusão e preconceito, é prejudicial a todos. Cada produção tem um objetivo, e se o objetivo é entreter sem grandes impactos artísticos ou reflexões (assim alguns classificados por parte de uma crítica especializada), ele não é menor por isso. Cada um vivencia a experiência cinematográfica de uma maneira, e talvez um filme muito premiado por sua impecabilidade artística não toque ou divirta um espectador como um filme para as massas.

A problematização que este trabalho propõe não é o questionamento da profundidade dos filmes ofertados, e sim o direito de escolha cerceado pela não oferta de filmes variados dublados, como isso, apesar de velado, demonstra uma profunda segregação cultural e juízo de valor do público/ espectador, que será abordada mais à frente.

Há também o problema da *sensação* de proximidade com a cultura estabelecida nos filmes importados e correntes nos cinemas brasileiros. Não há uma característica cultural que seja muito diferente e que com isso crie uma barreira natural onde os produtores de filmes precisem dar uma solução, o que torna mais fácil a massificação do público. Por fazermos parte do mundo Ocidental e ao longo da história termos sofrido influências de muitos países do eixo Europa – América do Norte, acabamos nos identificando com diferentes modos de manifestação que não necessariamente são genuinamente nossos mas fazem parte do nosso cotidiano. Não a nuances que nos fazem possuir algum traço que possa ser visto ou aceito como marca de diferenciação que nenhum tem como há na oposição Ocidente X Oriente, por exemplo. A Índia, por exemplo, foi colonizada por um país europeu e sofre muita influência dos Estados Unidos por ser um grande centro tecnológico, mas tem traços culturais, seja a religião que influencia no modo de lidar com várias questões de modo diferente do mundo ocidental, seja no modo de vestir, por exemplo, que criam uma barreira de personalidade. Nós não temos nada que possa ser ou ajudar a criar esta barreira e com isso entendemos que fazemos parte de algo que não é genuinamente nosso, e sim nos influencia. É possível ver na Índia o que é majoritariamente indiano e ou que foi incorporado das culturas outras. No Brasil isso é menos possível. Dentro da cultura ocidental, não existe só um padrão cultural, porém há sim uma tentativa de imposição de um modelo padrão mais próximo das características de estilo de vida do norte (Estados Unidos e Europa). Por termos uma história de colonização, aceitamos o externo como modelo com demasiada facilidade e, com isso, somos moldáveis e reproduzimos algo que não é genuinamente nosso, mas incorporamos como tal. Somos de certo modo semelhantes por feitura, não por essência. É o que explica Paulo Emílio Sales Gomes quando propõe a relação de ocupado e ocupante:

A importação maciça de reprodutores seguida de cruzamento variado assegurou o êxito na criação do ocupado, apesar da incompetência do ocupante agravar as adversidades naturais. A peculiaridade do processo, o fato de o ocupante ter criado o ocupado aproximadamente à sua imagem e semelhança, fez desse último, até certo ponto, o seu semelhante. Psicologicamente, ocupado e ocupante não se sentem como tais: de fato, o segundo também é nosso e seria sociologicamente absurdo imaginar a sua expulsão como os franceses foram expulsos da Argélia. (GOMES, 1996:89)

Segundo Tião Rocha (s.d.), todo e qualquer ser humano tem cultura. O que é discutível a priori é o que visto como cultura, a definição de cultura em si. Se a fonte da definição for o dicionário (aqui o usado o *Dicionário Michaelis*, versão online), teremos definições desde a associação ao ato de cultivo e produto do cultivo da terra a métodos biológicos para desenvolvimento de microrganismos.

No que diz respeito à cultura que aqui abordo, as seguintes definições advindas do dicionário me interessam:

- *Conjunto de conhecimentos, costumes, crenças, padrões de comportamento, adquiridos e transmitidos socialmente, que caracterizam um grupo social.*
- *Conjunto de conhecimentos adquiridos, como experiências e instrução, que levam ao desenvolvimento intelectual e ao aprimoramento espiritual; instrução, sabedoria.*
- *Requinte de hábitos e conduta, bem como apreciação crítica apurada.*

A definição problemática é a que torna cultura sinônimo de desenvolvimento intelectual e requinte de hábitos e conduta, sendo assim associada a uma certa postura e saberes condizentes com uma visão mais prestigiada de saber, determinada por camadas mais centrais da sociedade. Sem cultura, de acordo com esta visão, é aquele que não possui um comportamento em conformidade com as camadas de maior prestígio social, ou não teve acesso a uma educação escolar satisfatória e, portanto, não é capaz de entender, assimilar ou produzir cultura, ficando à margem, a periferia do esquema social.

Uma minoria crê, firmemente, que sua cultura é superior a dos outros. Um dos maiores pecados cometidos pela mesma Antropologia foi fazer as pessoas acreditarem, por muito tempo, que havia homens superiores a outros, pelo simples fato de nascerem em lugares diferentes ou viverem de maneiras diferentes. (...) Decorrente do uso indiscriminado ou interesseiro da palavra cultura, ela foi perdendo sua substância e significado, tornando-se uma expressão esvaziada (...). Desta forma, as “questões culturais” dentro de uma escola ou de uma comunidade, tanto servem para indicar um “problema” ou “justificar” a não aprendizagem dos alunos ou a falta de participação das pessoas na associação de bairro, ou outra coisa qualquer. (ROCHA, s.d.)

Há vários indicadores sociais que quando interagem entre si constroem a cultura daquele grupo humano. São eles formas organizativas (*laços de parentescos, diversas instituições permanentes, temporárias ou ocasionais de convivência*), as formas do fazer (*respostas e soluções dos homens a múltiplas necessidades humanas*), os sistemas de decisão (*os poderes de decisão – macro e micro – institucionais e não institucionalizados*), as relações de produção (*trabalho, a sobrevivência, o econômico...*), o meio ambiente (*contexto, entorno*), a memória (*passado/origem*) e a visão de mundo (*o religioso, o filosófico...*). (ROCHA, s.d.). Portanto, a Cultura é construída por diversos fatores e nenhum indivíduo é vazio de cultura.

Ter um modo de cultura visto como de maior prestígio, modo este instituído por uma ideologia construída e enraizada como senso comum a partir de um grupo dominante socialmente (no geral eurocêntrico, branco, masculino e de classe média) é segregatório, pois qualquer forma de manifestação cultural variante das possíveis dentro do padrão da dominância é desvalorizada, formando uma roda de exclusão social e cultura. No geral essas manifestações são advindas, obviamente, de grupos menores que não fazem parte do grupo dominante, e por isso são excluídos.

A carta de filmes dublados presente nos cinemas de áreas como essas é predominantemente dublada, o que seria positivo se não fosse o a falta de heterogeneidade dos filmes ofertados. As produções que em sua maioria são oferecidas dubladas nos cinemas são as mais comerciais e/ou com temáticas tidas como de mais fácil entendimento como filmes de super-heróis, desenhos animados e suas derivações (*live-actions* de desenhos animados, como *A Bela e a Fera, Mogli...*). Parte-se de um pressuposto que filmes que têm uma trama mais fácil são os que devem ser dublados, pois são os que interessarão a parcela da sociedade que os prefere aos legendados. Esse tipo de pensamento é proveniente justamente da associação de cultura a educação, ensino e conhecimento regular citada anteriormente. Apesar do conhecimento e do ensino serem fatores importantes no que diz respeito ao entendimento do mundo ao redor do indivíduo bem como os mecanismos que o cercam, eles não são determinantes na hora da apreensão de muitas coisas existentes no mundo. O conhecimento e o estudo entram como mecanismos de ajuda e melhora na compreensão, não podem então, desta maneira, serem colocados como as ferramentas que, quando ausentes ou aplicadas de maneira deficiente, são as que possibilitam a exclusão de um indivíduo de ter uma
experiência.

5. Língua e Poder

Tendo em vista a abordagem da globalização como um dos fatores que possibilita o acesso às produções audiovisuais variadas, e também a segregação e a problemática cultural de sedimentação de um único estilo de vida por vantagens socioeconômicas do país produtor de material, falarei sobre como a língua pode ser usada como ferramenta de um determinado grupo para exercer poder sobre o outro.

O simples estabelecimento de uma norma padrão já é uma forma de exercer o poder de um determinado grupo sob outro, por diversos fatores. Por exemplo, a gramática da Língua Portuguesa é mais próxima do português usado por Portugal, colonizador do Brasil, do que do português em tese falado por brasileiros, inclusive porque a língua aqui falada sofreu influência de diversos outros idiomas de povos como os indígenas que aqui já estavam e outros que para cá vieram, como os africanos que chegaram como escravos, italianos e alemães que chegaram nos séculos XIX e XX para trabalhar nas fazendas após a abolição da escravatura, modificando não só o léxico, como algumas construções sintáticas, entre outras. A escolha de uma norma padrão mais próxima da língua colonizadora expressa de forma simples um olhar purista que segrega o que vem de mais periférico. As influências na língua vieram de camadas de nichos trabalhadores, portanto, mais pobres e menos prestigiados. E como resultado, temos um padrão distante da língua falada pela maioria da sociedade.

Fairclough em seu *Language and Power* se interessa no discurso como “a place where relations of power are actually exercised and enacted, (...) because power can be won and exercised only through social struggles in which it may also be lost” (1989:43). Ou seja, o discurso é um modo de exercer poder, e para que o poder seja exercido são necessários conflitos sociais onde ele possa ser perdido, então não é surpresa que dentre as muitas variações da língua, algumas são mais aceitas do que outras, com a tendência que quanto mais se afastam da proximidade da norma padrão, mais preconceitos sofrem e com isso o seu uso é associado ao desprestígio e a ignorância. “The constraints derive from the conventions of the discourse type which is being drawn upon” (FAIRCLOUGH, 1989:47).

Isto posto, aqui também explicitarei algo que ocorre no Brasil e diz respeito ao uso da língua inglesa. Da mesma forma que algumas variações sofrem preconceito no Brasil, a falta de domínio da língua inglesa é requisito para a segregação em diversos aspectos.

Devido ao apelo do mundo globalizado, sendo o inglês uma língua franca, ou seja, a língua que possibilita a interação entre falantes de diversas nacionalidades, quem não tem domínio da língua estrangeira sofre um desmerecimento intelectual, por não estar inteirado da

língua do mundo, quase o mesmo olhar que sofre o falante de uma variação da língua com mesmo prestígio, e no geral a associação feita é essa, que quem não sabe inglês é proveniente de uma camada mais carente da sociedade, com pouca escolaridade. Ou seja, a língua inglesa é usada como forma de exercer poder e controle sobre um grupo que não fala ou não domina o idioma pelo grupo de falantes que dominam e estudam tal língua, assim como a variação padrão é uma forma de exercer poder e controle sobre quem não a domina. Como define Foucault em seu *Subject and Power* (2000:337):

...That is exerted over things and gives the ability to modify, use, consume, or destroy them – a power that stems from aptitudes directly inherent in the body or relayed by external instruments. Let us say that here it is a question of “capacity”. (...) The term “power” designates relationship between “partners” (and by that I am not thinking of a game with fixed rules but simply, and for the moment staying in the most general terms of ensemble of actions that induce others and follow from one another).

O poder aqui exercido é oriundo de habilidades inerentes as pessoas ou que são apoiadas em características que são desenvolvidas a partir de instrumentos externos, como o acesso à educação de qualidade que possibilita o desenvolvimento de tais características e habilidades que são usadas como forma de estabelecimento de uma relação de poder onde quem domina ou detém as habilidades pode subjugar quem não as possui ou não as domina, exercendo dominância.

Como os filmes que aqui chegam a sua maioria são oriundos de países anglófonos, para acessar seu conteúdo só existem duas maneiras atualmente: o filme legendado, que exige certo domínio da língua inglesa, uma vez que sim, existe um texto em português passando na parte inferior da tela, mas ter conhecimento da língua torna a apreensão mais fácil, ou o filme dublado.

Para exemplificar de uma maneira mais rápida o que foi dito acima e o que será abordado também na parte seguinte deste trabalho, será apresentado um trecho de uma reportagem publicada pelo site especializado em entretenimento Omelete, em 02 de Agosto de 2017, com o título “*Público brasileiro da Netflix ainda prefere conteúdo dublado, revela vice-presidente de produtos*”.

“Uma das questões que a Netflix sempre insistiu desde o seu lançamento como plataforma online foi o conteúdo especializado e dedicado a línguas e culturas. Apesar de, inicialmente, a pesquisa de mercado desenvolvida pela empresa ter apontado o mercado brasileiro como tendo a preferência majoritária por material dublado, a empresa descobriu mais tarde que mesmo que a maior parte do público realmente consumisse mais conteúdos dublados, o certo era seguir em outra direção. O certo era dar a opção ao espectador, deixar que ele escolhesse como gostaria de assistir à sua série ou filme favorito. (...) Por outro lado, novas análises apontam que o

público brasileiro em geral prefere, sim, conteúdo dublado. Dois exemplos foram dados que simplificam bem a preferência nacional: 84% do público brasileiro que assistiu à ***13 Reasons Why*** viu a série dublada; enquanto *House of Cards*, devido ao seu conteúdo mais maduro, dividiu a experiência bem ao meio, com 50% tendo assistido à última temporada dublado e 50% legendado.” (OMELETE, 2017)

Na reportagem a pesquisa é feita com filmes e séries ofertados via streaming, e apenas o modo de oferta que difere do pesquisado neste trabalho. Entretanto o interesse majoritário em citar tal reportagem foi demonstrar que há sim juízo de valor sendo feito de acordo com quem escolhe a modalidade dublada para assistir seus filmes, seja no cinema ou em casa, bem como para assistir séries. Essa notícia foi publicada no site, que disponibilizou o link em redes sociais como Twitter e Facebook como forma de divulgação. Abaixo seguem comentários feitos por usuários da rede social Facebook sobre a predominância da escolha por filmes e séries dublados no Brasil:

“Essa maioria é o reflexo básico de três coisas: maior acesso de classes emergentes aos cinemas (principalmente em salas multiplex) + ausência do hábito de leitura nessas classes (a média geral do brasileiro já é assustadora) + a cultura da TV aberta. A dublagem, na maioria dos casos, mutila a obra original. Só lembrar que os atores trabalham anos em sua formação os aspectos da voz e estudo do som. É grotesco observar ótimos dubladores (pra você ver... imagine os piores) em contraste com o trabalho original, como o Coringa de Heath Ledger, o capo de Marlon Brando em *O Poderoso Chefão* ou mesmo o Bane do Tom Hardy, só pra citar exemplos próximos. Mas isso não é o mais grave. O que é mais grave é que, para atender essa demanda, os circuitos estão eliminando ou reduzindo a último horário essa opção. Agora, para home video/streaming, é aceitável a dublagem para o público infantil em animações. Mas, se você realmente se diz fã da sétima arte, incentive os pequenos desde cedo com filmes legendados e a si próprio a exercitar a leitura. A desculpa que mais me espanta é: "Perco muito do filme lendo as legendas". E nem adentro o mérito daquela "quer pagar de sofisticado/culto/metido/superior" (sério?). Analogia: seria como pegar a tradicional feijoada carioca e substituir o feijão pelo grão-de-bico e dizer "ah, mas fica gostoso também! eu até prefiro com grão-de-bico". Ok, mas não é feijoada e não tem gosto de feijão. "Você não conhece o trabalho árduo dos produtores de grão-de-bico, temos os melhores produtores de grão-de-bico do mundo!". Ok, mas não retirem o feijão das prateleiras, não acabem com a feijoada, p****! Falando nisso, me deu uma fome.”

“Prefiro legendado pelo fato de que na dublagem você acaba perdendo muita coisa, inclusive da atuação do ator que está em cena. Um outro motivo é o aprendizado também. Quando vou ao cinema é só tem cópias dubladas eu simplesmente nem assisto. Para mim realmente não rola dublado, detesto. Mas cada um é cada um, se tem as duas opções, deixa quem quer ver dublado curti da maneira que acha melhor, é apenas a maneira de como se assisti, ninguém tem nada haver com isso.

Algumas vezes abro exceção para dublagem, mas só se for animação e eu achar ela boa. Recentemente re-assistir One Punch Man dublado porque o trabalho feito é de altíssimo nível. Castlevania foi outro que acabei vendo dublado em português porque achei melhor que a dublagem americana.”

“Pessoas sem instrução é assim mesmo , preferem dublados , mas não se preocupe , nos EUA , os americanos também são iguais a você. Aqui no Brasil o cinema está a perder a graça devido a maioria dos filmes serem dublados , na minha opinião , deveria ter mais opções para legendado , depois de uma semana em cartaz , se você quiser ver com legenda , só a noite e bem tarde...Uma única sessão ...Mas para tv , tinha que ter a opção para você escolher , sendo a principal legendada , quem quiser ver dublado era só selecionar.”

“Com a ascensão da nova classe c em meados de 2008. Os cinemas e tvs a cabo tiveram que se adaptar a um novo público que só tinha acesso a filmes e programas dublados na tv aberta. Sou da época onde todas as HBO eram legendadas, e o único telecine dublado era o pipoca (para as crianças), e nas salas de cinema as sessões dubladas eram minorias. Hoje vejo em plena warner channel friends passando dublado! Já vi pessoas falando que ao lerem as legendas perdem muita coisa do filme..... Meu amigo que lê devagar a perda do áudio original é muito maior! Prestem atenção quem prefere dublado não gosta realmente de filmes, essas pessoas conhecem apenas filmes blockbuster e da mídia mainstream. O dublado ganhou, eu aceito, essas pessoas nunca irão aprender a falar inglês ou terem o hábito de lerem um livro para ajudar nas legendas, não tem problema. Só peço que não se esqueçam de nós que prezamos por qualidade, que desprezamos o fácil acesso e a fácil assimilação, só peço que nos deem opção de escolha.”

“Por melhor q seja a dublagem, nada é melhor do q o original.

Dublagem é para crianças, analfabetos, preguiçosos ou pessoas com algum distúrbio q não conseguem acompanhar imagem e ler ao mesmo tempo. Já tô esperando o mimimi dos burrinhos preguiçosos rs”

Os comentários em questão foram expostos para explicitar e/ou exemplificar o que foi dito anteriormente: a escolha de filmes dublados é associada por uma parcela da população a pessoas sem escolaridade, de camadas de menor prestígio social por estarem em locais mais periféricos e por obterem renda menor, e portanto com um acesso mais deficiente a

educação. Esse tipo de mentalidade só serve para manter um sistema de segregação já presente na sociedade onde a falta de domínio da língua inglesa é associado ao desprestígio.

6. A dublagem como mecanismo de segregação

Como mencionado ao final do tópico anterior, só há duas maneiras de a população brasileira assistir os filmes oriundos do mercado internacional: o legendado e o dublado.

As duas formas de oferta deveriam ser vistas como maneiras de facilitar o acesso, sem juízo de valor cultural ou educacional e ser também disponibilizada de forma homogênea pelos cinemas de todo país para a escolha do espectador, mas não é o que ocorre no Brasil.

O público espectador de filmes legendados é visto como o grupo de prestígio, uma vez que a legenda é entendida como um auxílio na compreensão do filme que está sendo apresentado e, portanto, partindo deste princípio o espectador tem que ter um domínio e conhecimento razoável do idioma falado no filme, no caso deste trabalho, domínio da língua inglesa, bem como saber ler em português para recorrer às frases expostas ao pé do quadro da cena.

O público espectador de filmes dublados por sua vez é o grupo desprestigiado, tendo sua existência associada aos diversos modos de preconceito citados anteriormente neste trabalho: a falta de conhecimento, problema associado a deficiência da oferta educacional brasileira, a correlação deste fenômeno a falta de cultura, aqui como um déficit de compreensão cultural por vincular cultura a manifestações mais eruditas da sociedade, e não pensar cultura de uma forma mais abrangente.

Então o público consumidor de filmes dublados é tido como aquele que tem baixa escolaridade, não dominante da língua estrangeira falada na película e, portanto pertencente a classes mais baixas da sociedade brasileira.

É preciso notar que diversos fatores são relevantes para a escolha do modo que o filme será assistido, e alguns não passam apenas por fatores sócio educacionais. Há quem prefira filmes dublados por preferir assistir o filme na sua língua materna de modo a aproveitar de modo mais relaxado, que pense que acompanhar as legendas quebra a experiência de aproveitamento do filme, que às vezes as legendas são muito rápidas, que teve acesso ao estudo de língua inglesa, mas não acha que a compreensão do filme se faz melhor em inglês e sim no idioma que para ele faz mais sentido, sua língua materna.

Isto é, a escolha do modo em que o filme será assistido deveria perpassar apenas o modo como o espectador se sente mais à vontade para ter uma melhor experiência da obra, livre de julgamentos e segregações, diante de um catálogo homogêneo nas ofertas ente legendado e dublado.

O inconveniente é que essa oferta não se dá de uma maneira homogênea. Um mesmo filme pode estar em cartaz nos cinemas só em sua versão dublada ou só em sua versão legendada, dependendo da área em que o cinema esteja localizado. Dependendo da região, o filme pode ser disponibilizado de uma só maneira, de acordo com o nicho social que é inferido ser maioria naquela área. Há também filmes que nem sequer são disponibilizados na versão dublada, independente da área, por serem de gêneros que também são tidos como menos aceitos ou de interesse de certo grupo que faz parte daquela área, e a aceção de que tais filmes não serão de interesse deste grupo é feita justamente pelo juízo de valor: áreas periféricas são vistas como regiões onde o público preferirá filmes com menor complexidade por se valerem que os residentes destas áreas têm menor nível de escolaridade e, portanto não têm sofisticação intelectual para se interessarem por tais filmes, não havendo necessidade de disponibilização de uma versão dublada por ser esta a versão geralmente escolhida por esse grupo.

O mercado fornecedor destes filmes que decide, de acordo com o valor atribuído a estas áreas, o que será assistido e de que forma, mantendo assim a disparidade entre a oferta de filmes dublados e legendados, bem como limitando o acesso de um grupo da sociedade tido como periférico à diversidade de obras cinematográficas, o que auxilia a manutenção deste sistema excludente, mantendo o grupo periférico em sua ponta, tendo apenas acesso ao que é visto como o que lhe cabe, como pouco ou nenhum direito de escolha no que será assistido. Como em Fairclough (1989:50) explica: “producers exercise power over consumers in that they have sole producing rights and can therefore determine what is included and excluded, how events are represented, and (as we have seen) even the subject positions of their audiences”.

Por exemplo, o filme *Lion* (*Lion – Uma jornada para casa*), que obteve diversas indicações¹ ao Oscar deste ano só foi ofertado em versão legendada na maioria dos cinemas onde a pesquisa desta monografia foi feita, denotando que o público consumidor de filmes dublados não teria interesse em filmes com a temática e estilo de *Lion*, o que é questionável, quando o filme aborda a busca de um rapaz indiano que foi adotado ainda criança por um casal australiano e que vive na Tasmânia, por seus pais biológicos.

A observação deste fenômeno da dublagem como modo de segregar culturalmente alguns grupos da sociedade se deu da seguinte forma: como residente de São Gonçalo, cidade

¹ *Lion*, filme adaptado do livro do indiano Saroo Brierley, dirigido por Garth Davis e de produção conjunta dos Estados Unidos, Austrália e Reino Unido, foi indicado a melhor filme, melhor ator coadjuvante, melhor atriz coadjuvante, melhor roteiro adaptado, melhor trilha sonora e melhor fotografia.

do Estado do Rio de Janeiro localizada na Região metropolitana, observei que em todas as minhas idas aos cinemas da cidade², a oferta de filmes dublados era muito superior a de filmes legendados. Quando um filme possuía uma versão legendada, geralmente era única em um horário de menor circulação, tarde da noite. Em contrapartida, os dublados eram maioria, com exibição em vários horários.

Em comparação, na sua cidade vizinha, Niterói, segundo município com maior média de renda domiciliar *per capita* mensal do Brasil³ ocorre exatamente o contrário: na maioria dos cinemas⁴ da cidade a oferta de filmes legendados é muito maior do que a de filmes dublados existindo também filmes que só são disponibilizados em sua versão legendada, sem opção dublada em horário algum.

Para reforçar minha pesquisa e afirmação que, de acordo com a área a oferta de filmes dublados é diferenciada, decidi também pesquisar a oferta de filmes em outros dois lugares do Rio de Janeiro: Botafogo, bairro da zona sul da cidade do Rio de Janeiro e Duque de Caxias, município também da região metropolitana do Rio de Janeiro, localizado na Baixada Fluminense. A pesquisa foi realizada entre Fevereiro e Maio de 2017.

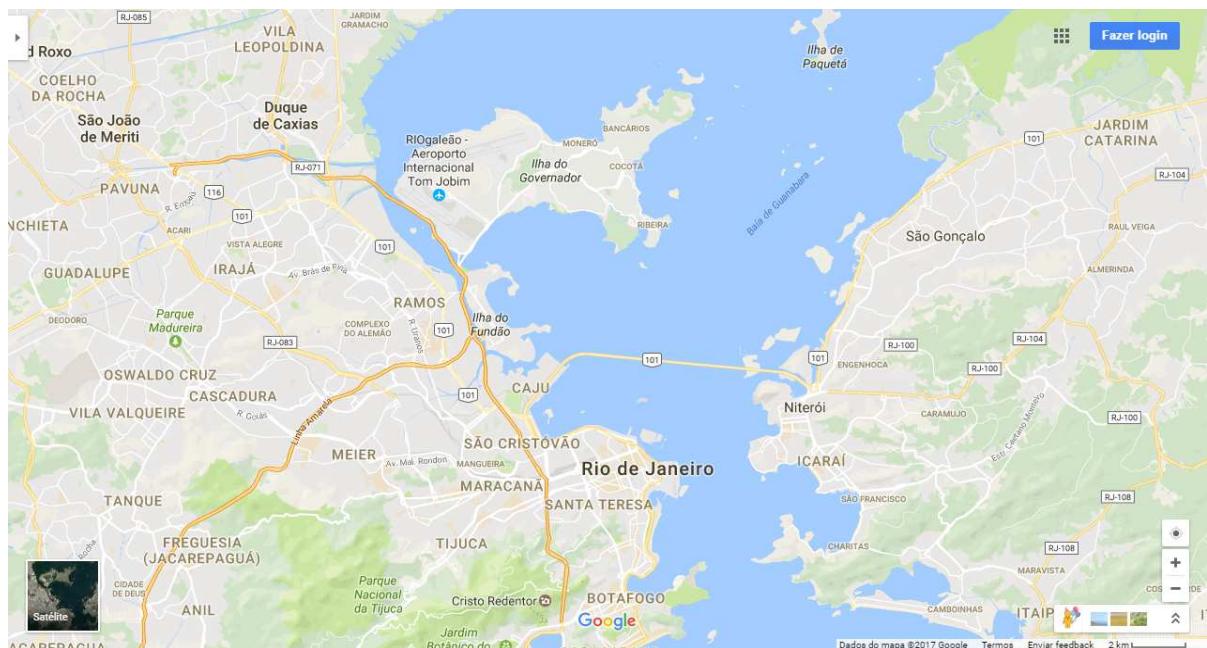


Figura 1. Mapa do Rio de Janeiro com as localidades observadas.

² A cidade possui dois cinemas: *Cinespaço*, localizado no Partage Shopping, no Centro da cidade e *Cinépolis*, localizado no São Gonçalo Shopping, em uma região da cidade mais próxima da BR-101.

³ http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/niteroi_rj

⁴ A cidade possui três cinemas, onde dois foram usados para recolher dados para os números apresentados neste trabalho: o *Cinemark*, localizado no Plaza Shopping Niterói, que fica no Centro da cidade e o Cinema localizado no complexo Reserva Cultural, que fica no Gragoatá.

Como é possível perceber nas tabelas anexadas a esta monografia, a oferta de filmes dublados em Duque de Caxias e em São Gonçalo é muito maior do que a de filmes legendados. O que torna a oferta de filmes destas cidades separadas por uma Baía similar?

São Gonçalo e Duque de Caxias figuram no pódio dos municípios mais populosos do Estado do Rio, São Gonçalo sendo o primeiro e Duque de Caxias o terceiro, atrás da cidade do Rio de Janeiro. São Gonçalo hoje serve de cidade dormitório para os que trabalham em várias áreas da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, devido à proximidade das regiões e custo de vida mais baixo que algumas regiões da cidade do Rio de Janeiro e até mesmo de Niterói. Duque de Caxias possui o maior parque industrial do estado, com empresas do ramo químico, petroquímico, de gás, metalurgia, plástico e também em áreas têxteis e de vestuário. As duas cidades possuem proximidade com importantes rodovias. São Gonçalo permeia a BR-101 e Duque de Caxias é próxima da Rodovia Presidente Dutra, a BR-040, bem como tem acesso às linhas vermelha e amarela, que facilitam a mobilidade dos residentes e escoamento da produção.

Porém, mesmo próximas ao Centro da cidade e sendo fornecedoras de mão de obra e produtos, as duas estão em zonas consideradas periféricas, com a população associada a menor prestígio cultural e a menor escolarização. Com isso, a oferta de filmes legendados é menor, justamente pelos fornecedores associarem as áreas à periferia cultural. Os filmes ofertados nos cinemas geralmente são animações ou *blockbusters*, como as sessões em sua maioria dubladas, com raras aparições de versões legendadas que seguem a máxima aqui apresentada anteriormente: em um único horário, geralmente tarde da noite. Esses dados são passíveis de serem conferidos nas tabelas em anexo.

Em contraponto, Niterói e Botafogo possuem a oferta de filmes em sua maioria legendadas, sendo poucas as versões dubladas, e geralmente estas são de filmes de animação que no geral apresentados só com esta versão.

Niterói possui o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal mais alto do Estado do Rio de Janeiro, 7º lugar no ranking do Brasil. De acordo com os indicadores sociais que dizem respeito à educação, a cidade está em 13º lugar entre os municípios do país. No ranking das classes econômicas das diferentes cidades do Brasil elaborado pela Fundação Getúlio Vargas está em 1º lugar, sendo vista como a cidade mais rica do país por ter 30% de sua população inserida na classe A. Quando o ranking vislumbra as classes A e B, Niterói também fica em primeiro lugar, com 42% de sua população inserida nas duas faixas de renda.⁵

⁵ <https://oglobo.globo.com/economia/niteroi-lidera-lista-da-riqueza-segundo-fgv-2757154?loginPiano=true>

Botafogo é um bairro da zona sul carioca, próximo a dois cartões postais importantes da cidade do Rio de Janeiro, o Pão de Açúcar (que está em seu bairro vizinho, a Urca) e o Corcovado (também no bairro vizinho á Botafogo, o Humaitá). Também é o bairro da Zona Sul de maior proximidade do Centro da cidade, abriga um campus da Universidade Federal do Rio de Janeiro, alguns cinemas e teatros.

Niterói e Botafogo têm em comum não só a oferta de filmes legendados, com pouca ocorrência de dublados, ambos os lugares são frequentados por grupos de maior poder aquisitivo, ou seja, por isso vistos como os que têm maior escolaridade e, portanto, maior possibilidade de interesse e entendimento dos filmes legendados e da maior variedade de estilo de filmes.

Com a análise dos dados expostos, é possível compreender que sim, dublagem é usada como um mecanismo de segregação cultural, diferente da época dos regimes totalitaristas que usavam a dublagem para filtrar o acesso a culturas diferentes devido ao caráter nacionalista dos regimes, porém segregando de maneira a limitar o acesso de camadas mais periféricas a opções variadas das obras cinematográficas por associar sua localização e população a um menor nível de escolaridade e por isso, de menor chance de entendimento e interesse a filmes vistos como de maior complexidade. Limitando acesso, a segregação é mantida, pois o acesso aos filmes e ao formato legendado é negado, e assim essas camadas não poderão experimentar tais obras e ter assim o direito a escolha de que formato ou estilos preferem.

CONCLUSÃO

Este trabalho teve como tema abordar o modo que a dublagem agiu desde sua criação e age até hoje como forma de manipulação e segregação cultural. Através da apresentação de dados e questionamentos sobre cultura, cultura de massa e ideologia, o objetivo de toda exposição é demonstrar que no Brasil, de forma mais específica na região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, existe a manipulação e segregação cultural através da oferta de filmes dublados de acordo com a área em questão, com variações explícitas da forma ofertada de lugares que são próximos, porém com diferente valorização no que diz respeito à parte socioeconômica.

A princípio, em sua origem, a dublagem surgiu como um modo a facilitar a vascularização dos filmes americanos por diferentes mercados não falantes do inglês. Contudo, devido à corrente totalitarista que se instalou na Europa durante os anos 30 até o fim da segunda guerra, a dublagem se tornou um mecanismo de barreira para as ideias que diferiam daquelas implantadas pelos regimes totalitários, e em alguns casos para a homogeneização de uma língua padrão em detrimento dos dialetos. Atualmente, o mercado cinematográfico é um dos meios que possibilita o acesso de diferentes povos a diferentes culturas e modos de vida. Porém, a perspectiva não tem sempre uma abordagem tão positiva. A troca intercultural não se dá de maneira igual, sendo a indústria cinematográfica norte americana muito mais poderosa por razões socioeconômicas, conseguindo espalhar com maior facilidade seus filmes e modo de vida do que outras culturas, além disso, a entrada de filmes e materiais de outras culturas em seu mercado não tem o mesmo volume que a saída de seus filmes para o mercado mundial, seja por impedimento e dificuldade impostos pelo mercado americano como modo de barreira, ou por falta de disponibilidade econômica dos outros países. Em síntese, a dublagem é mais uma maneira de facilitar o acesso e a circulação do ideal de vida americano, o que já é suficientemente segregador por impor um modelo ideológico excludente.

Há também a segregação cultural interna brasileira, onde a cultura é associada não a manifestações do âmbito de valores, crenças e costumes de um povo sem juízo de valor, mas a escolaridade e detenção de saber, sendo cultura associada a manifestações das camadas mais altas economicamente da sociedade, vistas como eruditas. No que diz respeito à análise aqui feita, associa-se o público consumidor de filmes legendados a erudição, pois se assume que detém domínio e conhecimento da língua inglesa e capacidade de leitura entre o que é dito e o que está escrito na legenda sem desconforto. Os filmes dublados são associados a um público

consumidor de menor prestígio, assim visto por preferirem a versão em sua língua materna, o que é associado à falta de domínio da língua inglesa e por consequência disso à falta de acesso à educação, e por isso é segregado.

Analisando os filmes em cartaz em Duque de Caxias, Botafogo, Niterói e São Gonçalo durante o período de Fevereiro a Maio de 2017, foi possível observar nas regiões socialmente entendidas como periféricas (Duque de Caxias e São Gonçalo), devido às atividades exercidas em suas áreas, bem como sua população entendida como de menor renda a presença quase que total de filmes dublados na programação. Os filmes legendados ou não eram ofertados, ou tinham sessão única no último horário do cinema. Em contrapartida, nas regiões com maior prestígio social e com população entendida como de maior renda, ocorre basicamente o oposto. A oferta de filmes legendados é absurdamente maior, sendo os filmes dublados no geral desenhos animados ou filmes de *live-action* infantis ou *blockbusters* como filmes de super-heróis.

Portanto, de acordo com a análise da programação dos cinemas, há a confirmação de todo pensamento acerca da dublagem ainda com seu viés manipulador e segregador, agindo como mantenedora de um sistema excludente.

BIBLIOGRAFIA

CAMUS, Carmen Camus-. *Negotiation, Censorship or Translations Constraints? A case Study of *Duel in the Sun**; in *Audiovisual Translation*, Cambridge Scholarship Publishing, Reino Unido, 2015.

CANU, Lidia. *Dubbing: adapting cultures in the global communication era*, *Between*, II.4 (2012), <http://www.Betweenjournal.it/>

DO NASCIMENTO, Fernanda Gomes. *A voz em estúdio: O uso audiovisual da Dublagem e do Diálogo Pós-Sincronizado no Brasil*; São Paulo, 2014.

FAIRCLOUGH, Norman. *Language and Power*, Longman Inc, New York, 1989.

FOUCAULT, Michel. *Power*, The New York Press, Nova Iorque, 2000.

GOMES, Paulo Emílio Sales. *Cinema; Trajetória no Subdesenvolvimento*; Paz e Terra, São Paulo, 1996.

JACQUEMET, Marco. *Transidiomatic Practices: Language and Power in the age of globalization*, *Language & Communication* 25, São Francisco, 2005.

JORNAL DEUTSCHE WELLE, Alemanha, 2007.

REVISTA MUNDO ESTRANHO. Rio de Janeiro; Editora Abril, 2011.

OMELETE. “*Público brasileiro da Netflix ainda prefere conteúdo dublado, revela vice-presidente de produtos*”, São Paulo; 2017

ANEXO

PESQUISA DOS FILMES EM CARTAZ POR LOCALIDADE E MODALIDADE OFERTADA

I. TABELA GERAL DE FILMES E VERSÕES

FILME	VERSÃO DUBLADA	VERSÃO LEGENDADA
A Bela e a Fera	X	X
Fragmentado	X	X
Logan	X	X
Kong	X	X
O poderoso chefinho (<i>Animação</i>)	X	
A vigilante do amanhã	X	X
Power Rangers	X	X
Impressão de uma noite em Paris		X
Os belos dias de Aranjuez		X
Até o último homem		X
Um limite entre nós		X
Silêncio		X
Personal Shopper		X
Fome de Poder		X
Fátima		X
Lion		X
Moonlight		X
Guardiões da Galáxia vol. 2		X
Velozes e Furiosos 8	X	
A Cabana	X	X
Vida		X
Rock Dog – No Faro do Sucesso	X	
Os Smurfs	X	
Norman (Confie em mim)		X
O Grande Dia		X
Joaquim	X	

Além das Palavras		X
Além da Ilusão		X
Vermelho Russo		X
Paterson		X
Clash		X
Melhores Amigos		X
Alien: Covenant		X
A Autópsia	X	X
Ornitólogo		X
Eu não sou negro		X
Trainspotting		X

II. Dados – Niterói

Cinemark

FILMES	DUBLADO	LEGENDADO
A Bela e a Fera	X	X
Fragmentado		X
Logan		X
Kong		X
O poderoso chefinho	X	
Power Rangers	X	
A vigilante do amanhã		X
Guardiões da Galáxia vol. 2		X
Velozes e Furiosos 8	X	
A Cabana		X
Vida		X
Rock Dog – No Faro do Sucesso	X	
Os Smurfs	X	

Reserva Cultural

FILMES	DUBLADO	LEGENDADO
A Bela e a Fera	X	X
Lion		X
Impressão de uma noite em Paris		X
Os belos dias de Aranjuez		X
O poderoso chefinho	X	X
Até o último homem		X
Um limite entre nós		X
Silêncio		X
Personal Shopper		X
Fome de Poder		X
Fátima		X
Guardiões da Galáxia vol. 2	X	X
Os Smurfs	X	
Norman (Confie em mim)		X
O Grande Dia		X
Joaquim	X	
Além das Palavras		X
Além da Ilusão		X
Vermelho Russo		X
Paterson		X
Rock Dog – No faro do sucesso	X	
Clash		X
Melhores Amigos		X

III. Dados – São Gonçalo

Cinespaço

FILMES	DUBLADO	LEGENDADO
A Bela e a Fera	X	
O poderoso chefinho	X	X
A vigilante do amanhã	X	X

Power Rangers	X	
Logan	X	
Fragmentado	X	
Guardiões da Galáxia vol. 2	X	X
A Autópsia	X	
Rock Dog – No faro do sucesso	X	
A cabana	X	
Alien: Covenant		X

Cinépolis

FILMES	DUBLADO	LEGENDADO
A Bela e a Fera	X	
O poderoso chefinho	X	
A vigilante do amanhã	X	
Power Rangers	X	
Logan	X	
Fragmentado	X	
Guardiões da Galáxia vol. 2	X	
Velozes e Furiosos 8	X	
A Cabana	X	
A Autópsia	X	

IV. Dados – Rio de Janeiro - Botafogo

Cinemark

FILMES	DUBLADO	LEGENDADO
A Bela e a Fera	X	X
O poderoso chefinho	X	
A vigilante do amanhã		X
Power Rangers		X
Logan		X
Fragmentado		X

Estação Botafogo

FILMES	DUBLADO	LEGENDADO
Eu não sou negro		X
Fátima		X
Moonlight		X
Ornitólogo		X
Silêncio		X
Trainspotting		X

V. Dados – Duque de Caxias

Cine Araújo Duque de Caxias

FILMES	DUBLADO	LEGENDADO
Guardiões da Galáxia vol. 2	X	
Velozes e Furiosos 8	X	
A Cabana	X	
A Autópsia	X	X
O poderoso chefinho	X	
Os Smurfs e a Vila Perdida	X	